



A coragem de florescer: memorial de uma professora em (trans)formação

The courage to flourish: a memoir of a teacher in (trans)formation

Franciane Sousa Ladeira Aires¹

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Lavras

RESUMO

Este memorial narra a trajetória de (trans)formação docente da autora, desde suas primeiras experiências escolares até sua inserção como professora de um Colégio de Aplicação em uma Universidade Federal. Estruturado em torno da metáfora do ipê, que simboliza resistência e renovação, o texto explora os momentos de florescimento e os desafios da carreira docente. A narrativa aborda a formação inicial e continuada, o magistério municipal, o mestrado e a conquista da carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, evidenciando as tensões entre o ideal e a realidade do trabalho docente. A escrita memorialística serve como disparadora de reflexão crítica, permitindo à autora (re)significar experiências e (re)afirmar seu compromisso com a educação, culminando no ingresso no doutorado como espaço de revitalização profissional e pessoal.

Palavras-chave: Memorial de Formação; Trajetória docente; Trabalho docente.

ABSTRACT

This memoir narrates the author's journey of teacher (trans)formation, from her first school experiences to her position as a teacher at an Application School of a Federal University. Structured around the metaphor of the "ipê" tree, which symbolizes resistance and renewal, the text explores moments of flourishing and the challenges of the teaching career. The narrative addresses initial and continuing education, municipal teaching, the master's degree, and the attainment of a position in Basic, Technical, and Technological Education, highlighting the tensions between the ideal and the reality of teaching work. The memorial writing serves as a trigger for critical reflection, allowing the author to (re)signify experiences and (re)affirm her commitment to education, culminating in her entry into a doctoral program as a space for professional and personal revitalization.

Keywords: Training Memoir; Teaching Trajectory; Teaching Work.

MAJESTOSO IPÊ ROXO.

Este lindo ipê roxo,
Que há anos vi nascer,
Hoje, em pleno mês de agosto,
Veio de novo a florescer.
[...]

Com tuas flores indo embora, derramadas pelo chão,
Sentirei doces saudades por não ver as tuas cores,
Mas as guardarei com certeza, dentro do meu coração,
Porque tu, meu Ipê Roxo, me despertaste o AMOR!
(Márcio Souza)

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6950-7278>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7364862896928639>. E-mail: franciane.aires@estudante.ufjf.br

Agosto de 2025 (Entre Prados e Juiz de Fora): começo a escrita deste memorial neste mês que tem se revelado tão significativo para o florescer da minha formação, seja ela docente ou, de modo mais integral, humana. A primeira lembrança sobre formação que surge em minha memória é recente, de agosto de 2024 (Lavras) e, justamente, os versos em epígrafe me abraçam nesse rememorar: fui presenteada com um quadro que trazia a pintura de um ipê-rosa, e a artista que o pintou enviou um cartãozinho escrito à mão com esses mesmos versos aqui apresentado. Que emoção receber esta tela como presente, ainda mais das mãos tão cumplices de Marcelli, estudante de pedagogia, minha bolsista no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Lavras (UFLA), que o encomendou como forma de agradecimento e de despedida. Minha despedida provisória ou a forma que, em pleno mês de agosto, começo de novo a florescer: inicio a licença de dois anos que minha instituição me concedeu para participar das aulas do Doutorado em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

É desta universidade que surge este memorial, a partir da proposta da disciplina “Narrativas na formação de professores e na pesquisa em Educação”, sob responsabilidade do professor Reginaldo e da professora Rita. Disciplina esta que já deixou lastros importantes em meu processo formativo por oportunizar “processos reflexivos capazes de gerar novas formas de produzir a docência” (Bolzan, 2019, p. 39). Narro este memorial com o objetivo de compreender-me, compreendo o mundo (Bolzan, 2019), partindo do ipê e trazendo toda sua simbologia para dialogar comigo em minha trajetória formativa.

Marcelli que me acompanhava desde o início do ano letivo de 2023, monitora da turma em que eu era professora regente, vivenciando sua formação sob minha supervisão também me formava: “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” (Freire, 2002, p. 13). Marcelli sabia do meu apreço pelos ipês floridos, majestosos em suas diversas cores e, em especial, pelo meu apreço pelo ipê-rosa. Eu, inclusive, tenho uma foto de um ipê-rosa da UFLA como descanso de tela desde o primeiro ano da pandemia. Mas esse ipê pintado em quadro me tocou intensamente e me fez ver com outros olhos essas tão queridas árvores. O ipê-amarelo é uma árvore símbolo do Brasil, mas que em todas as suas variações carrega consigo a simbologia ligada à resistência, esperança e renovação. É um símbolo de superação por florescer durante o tempo seco de inverno brasileiro. Então, meu ser docente se fez e se faz como um ipê: florescendo quando as perspectivas profissionais perderam as cores, em que o Doutorado é o sopro de vento que impulsiona a florada e as sementes para um (re)nascer...

Figura 1: Quadro presenteado a mim com um ipê-rosa



Fonte: arquivo pessoal.

Nesse movimento de narrar minha formação docente, convido também Paulo Freire a me acompanhar na reflexão de minhas experiências.

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde [...]. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 2001, p. 58).

Ser professor ou ser professora envolve uma série de requisitos que são construídos durante o percurso educacional. Seria ter dom, vocação, jeitinho? Freire (2001) nos leva a refletir que ser um professor não é uma condição nata. Então, como acontece essa formação?

Devemos reconhecer que desde a infância, manifestamos inclinações e preferências que, por vezes, convergem com atividades que desenvolvemos no futuro. Entretanto, vale lembrar que não nascemos predestinados; somos seres inconclusos, em constante (re)construção. Formar-se professor é uma escolha que demanda estudo, dedicação e a construção contínua de uma carreira. O trabalho docente envolve ações que podem ser prazerosas, mas que são rigorosas, como nos diz Freire (2002), pois exige seriedade, preparo científico, físico, emocional e afetivo.

Mesmo que inicialmente eu tenha negado a ideia de me tornar professora, sentia prazer, durante a infância e a adolescência, em auxiliar minhas amigas com dificuldades de aprendizagem e em prestar serviços de reforço escolar. Desse modo, fiz escolhas que me levaram a me formar como professora.

Hoje, ao olhar para trás, percebo o quanto minhas primeiras experiências, junto da influência de professoras e professores, construíram minha trajetória. Se no início eu apenas brincava com a ideia de ser professora, aos poucos fui me comprometendo conscientemente com essa escolha, reconhecendo que ser educadora é um processo contínuo de construção, que exige dedicação e reflexões constantes sobre o trabalho docente.

Atualmente, como já anunciado, sou professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Lavras. Minha formação acadêmica inclui o Normal Superior, a Pedagogia e a Filosofia, além de algumas especializações. O Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) foi um marco na minha trajetória acadêmica e profissional, trazendo novas perspectivas tanto para minha vida pessoal quanto para minha prática docente. Assim, espero que o Doutorado na UFJF, iniciado em setembro de 2024, também seja um espaço significativo e enriquecedor de formação.

Então,uento aqui essa história que constitui meu percurso formativo e me proponho a fazer como destaca Reis (2008). Para ele, os professores devem fazer algo mais do que registrar acontecimentos, mas “acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional” (Reis, 2008, p. 4).

Com essa perspectiva, posso dizer que minha trajetória de formação começou antes mesmo de eu ter idade para frequentar a escola. Minhas primas Andreia e Ana Paula, assim como minha Tia Lena, eram professoras, e eu adorava estar ao redor delas, especialmente quando preparavam seus planos de aula. Elas sempre me davam algum “trabalhinho”, o que me deixava encantada. Também me recordo do cheiro do álcool que exalava do mimeógrafo e da alegria que sentia quando me permitiam retirar as cópias ainda molhadas.

Essa experiência despertou em mim a vontade de ir à escola. Após muitos pedidos e lágrimas, certo dia, minha mãe conseguiu a autorização da diretora da escola estadual para que eu participasse de uma aula. Foi um único dia, mas foi o suficiente para me encantar com aquele

ambiente. Para completar minha felicidade, meu pai fez uma merendeira de couro especialmente para mim, para que eu pudesse levá-la nesse dia tão especial.

Ah! E quando chegou realmente o momento de frequentar a escola, eu tinha 4 anos. A escola era estadual e fiz toda a minha educação básica nela. Desse primeiro período, tenho uma vaga lembrança de estar sentada em uma cadeira cinza em frente a uma mesa quadrada colorindo o desenho de um sapo e vendo meu primo também no mesmo espaço, fazendo a mesma tarefa, mas não com a cor orientada pela professora. Outra memória que surge desses primeiros tempos escolares é de quando eu estava com 5 anos. Não é uma lembrança de um acontecimento dentro de sala de aula ou com uma professora, mas uma lembrança de uma colega que sempre faltava às aulas e sua irmã me pedia para levar as folhas de atividades para ela. Essas duas lembranças me fazem refletir como a escola é importante para ampliar as leituras de mundo e como é importante dentro da constituição familiar.

E a partir dessa reflexão, recordo do momento em que fui alfabetizada pela professora Lucrécia, aos 6 anos de idade. Em um determinado período, precisei me afastar da escola por estar com uma doença que não podia ter contato com outras crianças, então, a professora Lucrécia me recebia em sua casa. Nesse período, uma das atividades que mais me marcou foi sobre a Lua, na qual trabalhamos a leitura e a escrita de palavras com a letra “L”. Com este movimento de me receber em sua casa, Lucrécia, com sua tarefa humana de ensinar, já apresentava o que Freire (2002) viria a afirmar: ensinar exige bom senso e comprometimento.

Esse comprometimento que ensinar exige, também consigo rememorar a professora Geralda que, com muita seriedade, me acompanhou por dois anos seguidos. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tive meu primeiro contato com a produção textual durante a 1^a e a 2^a série, sob orientação da professora Geralda que usava uma apostila que se chamava “Brincando de Escrever”, de Hermínio Sargentim. Como já dito, estudava em uma escola pública estadual, mas a professora solicitou aos nossos pais a compra desta apostila que vinha em uma pasta com um livro, folhas e fichas. Eu amava as atividades dessa apostila. Lembro de ter vários textos de gêneros diferentes e orientações específicas para nos inspirar a produzir nossos próprios textos. Escrevíamos em um caderno, a professora fazia as correções e depois nos pedia para “passar a limpo” na folha que vinha com a apostila.

Nesses dois anos seguidos, a professora Geralda deixou marcas em mim, eternizadas na simples e afetuosa dedicatória que escreveu na primeira página do livro “O cachorrinho

fazendeiro”, que ela me presenteou. Não foi o meu primeiro livro, mas esse gesto me incentivou ainda mais a gostar das histórias, a lê-las e recriá-las. Esse gesto foi tão significativo que hoje procuro replicá-lo ao presentear meus alunos, tentando recriar a mesma emoção em cada dedicatória e me instigando a “descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade” (Freire, 2002, p. 72).

Após o período de dois anos letivos com a mesma professora, tive a experiência de ter quatro docentes diferentes entre a 3^a e a 4^a série. Era uma professora responsável por língua portuguesa e ciências sociais e outra por matemática e ciências naturais. Nesse período, comecei a não confiar em mim mesma, me considerava uma criança que não conseguia aprender. Chorava muito no momento de realizar tarefas em casa. Como minha mãe não conseguia me ajudar, ela pedia um rapaz que trabalhava com meus tios e meu pai na selaria, a qual a oficina era em um cômodo no fundo da minha casa, para me auxiliar nas tarefas. Recordo-me de estar sentada na minha cama, estudando para uma prova, lendo um texto sobre a vegetação brasileira e ouvir as vozes das minhas colegas brincando na rua. Uma vontade de estar lá, mas um medo de não conseguir uma boa nota na prova.

O bom é que essa insegurança começou a se dissipar quando, na 4^a série, minha produção textual foi premiada em segundo lugar em um concurso de uma gincana municipal. Fiquei muito surpresa e feliz e isso me incentivou mais ainda a escrever histórias para além das propostas pela escola. Foi nessa época que comecei a dizer que eu seria escritora e comecei a escrever pequenas histórias em um caderno velho. Pena que eu não o tenho mais!

Já entre a 5^a e a 8^a série, comecei a me perceber como uma aluna esforçada e com facilidades em algumas “matérias”. A professora Elaine, que lecionava Ciências, me cativou com seu jeito de relacionar temas de aula a fatos de sua vida ou de seus familiares. Com Elaine, aprendi a me alimentar melhor, especialmente nas atividades sobre alimentação saudável. Lembro-me de criar um cardápio e incluir alimentos que antes eu nem pensava em provar e que, desde então, se tornaram parte do meu dia a dia.

A professora Dorinha, que lecionava Língua Portuguesa, era extremamente compreensiva e sempre disposta a nos ajudar com ortografia, compreensão de texto e contexto. Com ela, fui ao cinema pela primeira vez, em São João del-Rei, assistir ao filme *Titanic*. Foi um momento de lazer, mas também uma oportunidade de ampliação de leituras de mundo.

Tia Vair, professora de História e, na época esposa de um irmão do meu pai, foi outra influência importante. Com ela, aprendi muito sobre a história mundial e brasileira. No entanto, ser sobrinha de professora não era tão vantajoso quanto parecia. Eu temia decepcioná-la, e os colegas diziam que ela me favorecia nas provas, o que me fazia estudar ainda mais. Já não sabia a quem não poderia decepcionar: a tia, a professora ou a mim mesma... Curiosamente, vivi algo semelhante quando fui professora do Lucas, sobrinho do meu marido. Creio que ele sentia o mesmo que eu sentia com Tia Vair: a pressão de não querer falhar, mas também a oportunidade de um aprendizado afetuoso.

No Ensino Médio, comecei a estudar a noite. Não por escolha, mas por ser a única possibilidade na única escola da minha cidade. Nesse período, a professora Mamara, de Biologia, conquistou a todos nós com seu carisma e juventude. No entanto, a lembrança mais marcante me lembra sangue e, logo, por ser muito nervosa, me traz repulsa. Em uma das aulas sobre o sistema circulatório, ela nos apresentou um vídeo com um coração humano pulsando, e veja só: quase desmaiei! Obviamente, me dei mal nas provas. Essa repulsa foi amenizada anos depois, quando, já como professora do 5º ano do Ensino Fundamental, tive que ensinar sobre o sistema circulatório aos meus alunos. Ossos (ou seriam sangue) do ofício!

Em minha adolescência, era chamada de “professorinha”, pois ajudava muitos alunos com dificuldades de aprendizagem. Ora minha casa, ora a casa de Vó Leni virava uma “sala de aula”, cheia de colegas para ouvir minhas explicações e tirar suas dúvidas, algumas vezes isso acontecia até por telefone. Nesse período, acompanhei minha prima, Ana Cláudia, por quase todo o ensino Fundamental e Médio, ajudando-a com as tarefas, com os trabalhos e explicando os conteúdos que tinha mais dificuldade, indo a sua casa todos os dias.

Nessa mesma época, comecei a escrever poemas sobre os nomes de minhas amigas, sobre meus sentimentos amorosos se aflorando, sobre o próprio ato de escrever. E por curiosidade, meu último poema datado em 22 de agosto de 2003 tem como título “Nada”, eu estava em meu último ano letivo no Ensino Médio, com pouco tempo e pouca inspiração para escrever minhas poesias:

NADA
Oh! Doce inspiração
Por onde vagas?
Abandonastes a quem mais precisa.
Onde estás? Onde vagas?

Estarias na melodia de uma harpa?
Ou perdida entre o passado e o futuro?
Nem sabes a falta que me fazes...
Por ti procurei, mas foi em vão.
Preciso encontrar-te hoje.
Hoje, quero que tua essência flua,
Nasçam palavras mágicas
Voem doces perfumes
Surjam novas paixões
Amanheçam nossos sonhos!
O tempo está passando...
Preciso de ti. Será que desisto?
Por que não me procuras?
(Franciane de Sousa Ladeira. 22/08/03).

Entre a falta de inspiração e o desejo de que novos sonhos amanhecessem (seria aqui uma nova florada?) surgiam os preparativos para o momento do vestibular. Sem um apoio profissional que pudesse me auxiliar em minha escolha, eu dizia que não queria ser professora. Por isso, prestei vestibular para Jornalismo e para Psicologia, mas não tive êxito. Percebi que precisaria fazer um cursinho. Para isso, precisaria viajar para outra cidade. Foi aí que vi um folder para o ingresso no Curso Normal Superior oferecido pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), que iniciaria sua segunda turma na unidade de ensino em minha cidade. Pensei que poderia fazer esse curso pela comodidade e pelo valor da mensalidade ser quase igual ao do cursinho pré-vestibular. Além disso, depois de formada, poderia trabalhar e, com o salário de professora, talvez investir em outra graduação de meu interesse.

Com esse objetivo, em janeiro de 2004, fiz a prova do vestibular para ingressar no curso Normal Superior e fui aprovada em 1º lugar. Fiquei muito empolgada e como “prêmio” pela minha classificação, consegui um desconto na mensalidade por seis meses. Logo, assim que iniciei o curso, comecei a namorar o Éder e consegui um trabalho em uma fábrica de calçados. Desse modo, trabalhava manhã e tarde e corria para chegar a tempo nas aulas no turno da noite. O Curso Normal Superior me instigou a conhecer mais de perto a Educação com sua história, sua política, sua legislação, pensadores e importantes educadores que me fascinaram e me fascinam até hoje, como Paulo Freire. As professoras Jacque Sade e as irmãs Cristiane e Patrícia Webe foram professoras de diversas disciplinas, sempre comprometidas e afetuosas. Imagine minha surpresa, alegria e orgulho quando, no meu primeiro dia de Mestrado em Educação,

reencontrei as três, mas agora como colegas e não mais como professoras. Foi uma experiência de alegria e orgulho compartilhados.

Naquela época do Curso Normal Superior, eu ainda não tinha computador, e costumava pagar uma pessoa para digitar meus trabalhos que eram todos feitos à mão. Alessandra, minha prima, amiga e colega de curso também não tinha computador e, juntas, decidimos comprar um de terceira mão. Ficamos tão felizes com essa conquista e mais ainda porque o computador tinha um kit multimídia. Compramos uma mesa para o computador e levamos para a casa dela por ter um espaço mais apropriado que em minha casa. Eu continuava a fazer os trabalhos à mão, mas aos finais de semana, eu ia para casa da Alessandra e fazia a digitação, formatação e levava para imprimir em uma loja de informática até conseguirmos também comprar nossa própria impressora.

Nesse movimento, a cada período do curso, ficava mais envolvida por esse universo educacional. Os estágios chegaram, e apesar de conseguir fazer apenas uma hora por dia devido ao trabalho na fábrica de calçados, me dediquei muito e comecei a me visualizar como professora e já não pensava em buscar outra área de formação. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tinha como temática a formação inicial de leitores. Foi um momento de muita dedicação, apesar do pouco tempo que eu tinha para dedicar-me à escrita. Como eu trabalhava o dia todo e frequentava as aulas à noite, chegava em casa muito cansada, com sono e não conseguia estudar. Eu dormia assim que chegava das aulas e pedia a meus pais para me acordarem entre 4h e 5h da madrugada, caso eles estivessem acordados, para que eu pudesse, até próximo ao horário de sair para o trabalho na fábrica de calçados, escrever meu TCC em um caderno para ser digitado durante o fim de semana na casa de Alessandra.

No final de 2006, aconteceu um concurso para professora municipal em minha cidade, mesmo ainda não tendo concluído o curso, fiz as provas e consegui ser aprovada, mas caí nas posições por não ter nenhum curso concluído. Formei-me em 2007, recebi uma medalha por ter conseguido a melhor média global de notas da turma, o que deixou a minha família muito orgulhosa. Entre conversas com a professora Mirtes, ela me disse que eu tinha potencial para fazer Mestrado. No entanto, primeiro fui fazer um curso de especialização, e depois tentar o Mestrado.

Logo, assim que formamos, Alessandra casou-se e mudou de cidade e estado, então tive que encontrar um lugar para alocar nosso computador em minha casa, que a partir de então seria

só meu, porque comprei a parte dela. Por isso, precisei levá-lo para a casa da minha avó Leni, que também não tinha muito espaço para ele, mas ficaria em um cantinho tranquilo e seria melhor mantê-lo lá que na casa da vó Dadade, onde eu morava, pois vivia cheia de primos e amigas da minha avó e não tinha um lugar que fosse calmo para mantê-lo lá para momentos de estudo ou trabalho.

Assim que me formei, iniciei minha primeira especialização em Psicopedagogia Institucional. Este era um curso semipresencial, oferecido pela Universidade Castelo Branco em parceria com a Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino (IESDE), com o polo em São João del-Rei. Semanalmente, às terças-feiras eu pegava carona com colegas, que já atuavam como professoras, para frequentar as atividades presenciais no polo. Esta especialização expandiu minhas reflexões sobre a Educação. Durante este período, eu fiz outro concurso para professor municipal da cidade vizinha e dessa vez consegui ser aprovada dentre as vagas. Mas desisti por não ter como me deslocar da minha cidade até a escola em que fui nomeada. Fiquei triste por isso, mas segui buscando o objetivo de atuar como professora.

No ano seguinte, fui contratada para lecionar para o 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Monsenhor Assis, numa pequena escola rural de Prados. Foi um momento único, no qual muitas emoções surgiram, desde o medo do novo até a realização de um sonho. Fiquei muito insegura com o meu primeiro dia de aula e fui pedir ajuda a uma professora mais experiente, a Ninon. Ela me disse que sentia o mesmo em todo início de ano e me ajudou a planejar a minha primeira aula, além de compartilhar outras experiências e expectativas ao longo daquele ano. O apoio de Ninon me mostrou que o ensino exige segurança, competência e generosidade (Freire, 2002), por mais que bata uma insegurança, com ela vem o desejo de se esforçar para assumir a tarefa docente, e isso demonstra segurança e demanda responsabilidade formativa, buscar sempre estudar para desenvolver o trabalho da melhor forma possível. Ninon me deu a mão, sendo generosa em compartilhar comigo um pouco de seu saber docente. Essa primeira experiência foi prazerosa, mas desafiadora, especialmente por lidar com uma realidade muito carente. Senti a Educação em ação e reflexão. Por quase todo esse primeiro ano, eu conciliei o trabalho na escola com o trabalho na fábrica de calçados, mas acabei adoecendo, tendo muitas crises de labirintite; por isso, pedi demissão do trabalho na fábrica. Esse momento simbolizou uma nova florada: a concretização da minha escolha profissional.

De 2009 até 2012, lecionei na Escola Municipal Getúlio Silva da comunidade de Vitoriano Veloso, conhecida por Bichinho, também pertencente ao município de Prados, respectivamente no 2º ano, 1º ano (ambos do Ensino Fundamental), 2º período da Educação Infantil e no 5º ano do Ensino Fundamental. Foi ao final do primeiro ano nessa comunidade que ganhei meu primeiro notebook, um presente de meu pai e de um amigo da família considerado como um tio, já que meu computador antigo dava sinal de falência. Adquiri um carinho enorme pela comunidade de Bichinho e pelas crianças de lá. Nesta escola, me reconheci verdadeiramente uma professora, fui aprendendo meu *métier*, adquirindo experiência sobre o trabalho docente e tornando-me cada vez mais profissional (Bronckart, 2009). Assim, como tive a Ninon como uma professora que me acolheu em meu primeiro ano de atuação, em Bichinho, outras professoras estiveram presentes, me ajudaram a me tornar uma professora de fato, formando-me na cumplicidade e nas reflexões do cotidiano escolar: Vaninha, Dri e Gabi. Foram parcerias, trocas, amizade e admiração, daqui para lá e de lá para cá!

Nesse percurso, fui tentar fazer Mestrado. Como não passei nas primeiras tentativas para a seleção, fui cursar outras graduações e especializações, que foram muito importantes para enriquecer meu currículo e o meu ser docente. Em 2010, dei início a outras duas especializações: Mídias na Educação e Educação Empreendedora, ambas à distância pela UFSJ. Foi durante estas especializações concomitantes com minha prática docente na escola da comunidade do Bichinho que me envolvi com a temática que levei para minha pesquisa de Mestrado.

Com o interesse crescente pelo Mestrado, e sem entender bem o processo seletivo, fui aceita para cursar a disciplina isolada “Formação de Professores e Prática Docente na Contemporaneidade” do Mestrado em Educação da UFSJ, no segundo semestre de 2011. A disciplina, ministrada pelo saudoso professor Murilo Leal Cruz, me fez (re)pensar minha prática e instigou meu lado pesquisador, afinal, como diz Freire (2016), ensinar exige pesquisa. Para participar das aulas, que eram no mesmo horário do meu trabalho, pedi autorização à Secretaria Municipal de Educação e precisei pagar uma professora para me substituir.

Durante os anos de 2013 e 2014, lecionei História, Geografia e Ciências nas turmas de 5º ano da Escola Municipal Maestro Adhemar Campos Filho, escola central de minha pequena Prados. Foi uma oportunidade diferente, pois, até então, lecionava todas as disciplinas. Isso permitiu que eu aprofundasse meus conhecimentos sobre esses conteúdos específicos,

dedicando mais tempo de estudos na preparação das aulas. Meu intuito era permitir que as crianças construíssem conhecimentos para além daqueles proporcionados nos livros didáticos, afinal, ensinar não é transferir conhecimentos como nos diz Freire (2016). Nesse sentido, minha ação docente era dotada de capacidades, motivos e intenções, ou seja, exercia o trabalho docente com atoralidade² (Bronckart, 2008). Com essa experiência, percebi o quanto um/a professor/a polivalente nem sempre consegue se dedicar à todas as áreas do conhecimento para garantir que os/as estudantes possam estar em contato, de fato, com uma educação de qualidade.

Um ano após meu casamento, em 2013, iniciei uma graduação à distância em Licenciatura em Filosofia pela UFSJ, com o intuito de conhecer mais de perto este campo, pois enquanto estudante do Ensino Médio não tive esta disciplina, e iniciei também mais outra especialização, também à distância em Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino Básico pela UFJF. Eu senti a necessidade de buscar mais formação, a princípio por sentir falta de estudar, mas também porque eu percebia a importância das formações para minha atuação. Freire (2002, p. 26) diz: “Onde há vida, há inacabamento” e eu ouso dizer: onde há professor, há formação. Assim, segui com minhas formações e concluí a especialização no início de 2015. A graduação em Filosofia se estendeu até os primeiros meses de 2018 e a colação de grau aconteceu no mês de agosto, quando já havia tomado posse na UFLA.

Enquanto isso, no primeiro semestre de 2014, participei de grupos focais na UFSJ como sujeito da pesquisa “Com a palavra, o protagonista, professor!: confrontos e reconstruções do discurso pedagógico contemporâneo”, coordenada pela professora doutora Bruna Sola da Silva Ramos. Até então ainda não tinha o conhecimento sobre Mikhail Bakhtin, e ao ouvir a professora Bruna citá-lo, fui pesquisá-lo, sumariamente. Os encontros para o grupo focal foram momentos de muita reflexão e aprendizagem que intensificaram o descortinar do meu “eu-professora-pesquisadora”. A participação nessa pesquisa me instigou ainda mais pelo desejo de cursar um Mestrado.

Com esse desejo em mente, fui aprovada para a turma de 2015 do Mestrado em Educação da UFSJ, sob orientação da professora Bruna Sola. Com exigência, rigorosidade,

² A atoralidade, no escopo do Interacionismo Sócio-Discursivo, desenvolvido por Jean-Paul Bronckart, é uma característica de um actante que assume o papel de ator demonstrando responsabilidade languageira no curso do agir, revelando ter capacidades, intenções, motivos.

decência e boniteza, ela me deu a mão, permitiu que eu vivesse o sonho do Mestrado e me ensinou o que a docência e a pesquisa exigem.

Outro professor que se destacou foi Luiz, meu tutor em Filosofia. Ele confiou em mim e me incentivou a continuar no curso mesmo quando pensei em trancá-lo para cursar o Mestrado. Disse-me: “Continue, mesmo que seu desempenho caia, estarei aqui para te amparar”. Com essa fala, Luiz enfatizou que sem docência, não há docência e como ensinar exige respeito aos educandos e aos seus saberes (Freire, 2002). E desse modo, conciliei o Mestrado com o curso de Licenciatura em Filosofia. Além de Luiz me apoiando nessa formação, Sheila, minha colega do curso de Filosofia, professora de História em uma escola estadual, foi muito importante também. Sempre conversávamos sobre as atividades do curso e liámos o trabalho uma da outra antes de enviá-los ao tutor Luiz. E assim, fui seguindo, me formando, me florescendo...

Como era contratada pela prefeitura de Prados, sabendo da dificuldade que seria seguir com o contrato ao me deslocar de cidade para o Mestrado, com o apoio do Éder, decidi pausar o trabalho. E, logo no meu primeiro mês de mestrandona, consegui uma bolsa pelo programa institucional de bolsas da própria universidade, o que me ajudou muito a estudar e me dedicar com inteireza a essa importante formação. Para frequentar as atividades do curso de Mestrado eu pegava ônibus e, ocasionalmente, Éder me buscava de moto, nosso único meio de transporte na época, quando as atividades terminavam tarde e não havia mais ônibus para minha cidade. O Mestrado me proporcionou participar ativamente do Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (GECDIP) e me fez me aproximar teoricamente de Paulo Freire e Michail Bakhtin. No Mestrado, “bordei” minha dissertação inspirada pela temática de minha pesquisa que envolvia artesanato e alfabetização com as crianças da escola municipal da comunidade do Bichinho. Esta minha interação mais próxima com a pesquisa me levou a publicar os meus dois primeiros capítulos de livro. O primeiro em 2016 relacionando parte da minha pesquisa com os pensamentos de Freire no livro *Paulo Freire e a Pesquisa em Educação*. E em 2017, meses depois de ter defendido minha dissertação, foi publicado o livro *Bakhtin Partilhado*, organizado por minha orientadora e por Maria Teresa de Freitas, com um capítulo sobre cultura popular em Bakhtin, oriundo de minhas reflexões durante o processo de escrita de minha pesquisa de Mestrado. Indescritível a sensação de ter um pouquinho de meus estudos dentro destes dois livros, o que posso dizer é que me motivaram a continuar sendo professora-pesquisadora.

Após o período dedicado para o Mestrado, o qual considero um dos mais felizes da minha vida, returnei para a sala de aula da escola central de minha cidade em 2017, atuando em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, no turno da tarde. Nesse período, continuei participando das reuniões do GECDiP. Para que eu pudesse participar, eu pegava carona para chegar em São João del-Rei com a Laninha, professora da rede municipal, que também frequentava o mesmo grupo. Para isso, eu precisava sair do trabalho 1 hora antes do término e em acordo com a direção da escola, eu pagava uma colega para me substituir nesse curto período. No ano seguinte, como pude escolher turma, preferi uma turma do turno da manhã para ter tranquilidade em participar do grupo de pesquisa, então, atuei até meados de agosto em uma turma do 5º ano, quando saí para assumir a vaga de professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT), a qual tinha sido aprovada no concurso da UFLA.

E para expandir meus conhecimentos e meu currículo docente, fiz um curso complementar de graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), principalmente por ter participado de um processo seletivo de um instituto federal que exigia o curso de Pedagogia. Posteriormente, já na UFLA, pela mesma instituição que cursei Pedagogia, me especializei em Educação Infantil.

Nesse ínterim, publiquei outros capítulos de livros, participei de eventos apresentando trabalhos ou integrando a comissão organizadora e tive meu primeiro texto “Outra Linguagem, Outra Alfabetização: Sentidos da Educação Emancipadora em Paulo Freire” publicado em um periódico, em parceria com minha orientadora do Mestrado.

Uma nova florada começou a dar sinais, em dezembro de 2017. Angélica, uma colega do Mestrado, compartilhou comigo o edital de um concurso para carreira docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) da UFLA. Quando falei sobre o concurso para Éder, ele me apoiou e disse: “Faz sim, Lavras não é tão longe, dá para você ir e a gente se encontrar aos finais de semana”. Então, organizei um cronograma de estudos e estudei por todo o mês de janeiro para fazer a prova objetiva e dissertativa que seria no primeiro domingo de fevereiro. As aulas do Mestrado que tive com o professor Levindo Carvalho sobre infâncias e pesquisa com crianças foram muito importantes para me ajudarem a estudar para o concurso da UFLA que tinha toda a temática envolta a Educação Infantil. Logo após a notícia do concurso de Lavras, recebi a notícia de outro concurso, para professor municipal de Coronel Xavier Chaves (Coroas), uma cidade vizinha a Prados, em que as provas seriam no último domingo de janeiro.

Contudo, o edital de Coroas sofreu uma alteração e as provas mudaram para o mesmo dia do concurso da UFLA. A princípio fiquei sem saber o que fazer e como as provas de Coroas seriam na parte da manhã e da UFLA na parte da tarde, Éder me incentivou a fazer as duas. Então, vivi uma aventura no dia das provas. Saí bem cedinho para fazer a primeira prova, consegui terminar antes do horário que eu havia programado para dar tempo de chegar em Lavras. Cheguei na UFLA com tranquilidade e consegui fazer a prova lá também. Fui aprovada em nono lugar no concurso de Coroas e aprovada para a prova didática da UFLA, que foi realizada na primeira semana de abril. Algum tempo depois da prova didática, saiu o resultado do concurso da UFLA e estava aprovada em segundo lugar. Eu ria e chorava ao mesmo tempo, de alegria pela conquista e de incerteza por ter que deixar minha cidade e morar sozinha em Lavras. Mas era um sonho sendo concretizado: o magistério federal, a possibilidade de vivenciar o tripé acadêmico – ensino, extensão e pesquisa.

Assim, desde 15 de agosto de 2018, sou professora EBTT de uma Universidade Federal, atuando como professora da Educação Infantil. Fui muito bem acolhida na UFLA e o deslumbramento da carreira me deixava com um olhar romantizado para todo o novo contexto que eu vivenciava. Assim que cheguei, não assumi turma, mas fui designada a iniciar o trabalho de escrita de um currículo para a nossa instituição juntamente de outra colega. Estava vivendo um sonho, mas este foi se desfazendo aos poucos.

Minha primeira turma na Educação Infantil da UFLA foi com crianças de 2 anos, em 2019. Lembro que não foi minha primeira escolha, havia escolhido crianças de 4 anos, mas para ser “companheira” de minhas colegas de trabalho, as quais nenhuma gostaria de assumir a turma de crianças menores (nossa instituição estava se consolidando como uma unidade federal de Educação Infantil, o ano de 2019 seria o segundo ano de atividades com crianças e no primeiro ano não houve oferta para crianças de 2 anos, apenas para 3 e 4 anos), eu me ofereci para o desafio. Ao mesmo tempo em que fiquei com medo, me dispus a pesquisar sobre essa faixa etária e a planejar minha atuação pedagógica. Investi em materiais para compor a sala de referência do meu próprio bolso e comprei muitos outros materiais no decorrer do ano letivo. A primeira semana foi assustadoramente difícil, tive dificuldades de adaptação, meu corpo começou a sentir intensamente aquele momento. Mas fui me “acostumando” àquele novo quefazer e construindo minha nova identidade docente. “A identidade é construída em relação

de acordo com a experiência que cada sujeito tem em contextos e instituições determinadas” (Flores, 2022, p. 26).

Ser professora da Educação Infantil não se resume apenas em atuar com as crianças em sala de aula, temos o trabalho de planejamento, a redação de relatórios, o atendimento às famílias, reuniões, estudos, entre outras demandas. E numa rede federal esse trabalho não se limita à dimensão do ensino. Atuamos também com pesquisa, extensão e gestão. Além disso, comecei a atuar como professora no curso de Pedagogia a distância da instituição.

Gerir a classe, organizar o trabalho do coletivo, talvez seja para o professor não apenas uma forma de ultrapassar uma dificuldade, mas também uma fonte de prazer e de satisfação profissional. Mas é sem dúvida também uma fonte de fadiga ligada a um esforço constantemente renovado de constituir o meio-aula e de manter sua atividade.

Contudo, o esgotamento do professor também está ligado à especificidade de sua atividade: o professor é, ao mesmo tempo, um profissional que prescreve tarefas dirigidas aos alunos e a ele mesmo [...] (Amigues, 2004, p. 49).

Dessa forma, eu vivia um conflito interno: começava a me sentir triste com o trabalho docente. Aqui, comecei a ver o bordado da docência, aquele que foi arrematado no Mestrado, a se desmanchar e a ficar sem cores. Sem cores e sem flores...

Fui ficando infeliz com o meu trabalho, mas não admitia isso naquele momento, talvez pela minha condição pessoal (moro sozinha em Lavras, enquanto meu marido mora e trabalha em nossa cidade natal), talvez pelas condições institucionais, talvez pela carga de cuidado que se sobrepõe ao educar quando estamos com as crianças bem pequenas, talvez pela minha preocupação em manter o bem-estar das crianças e suas famílias. E confessar isso é muito doloroso para mim. Reconhecer que eu estava triste e fadigada com o meu trabalho foi difícil. Como se sentir assim, em uma carreira federal, trabalhando com crianças e recebendo um salário consideravelmente muito bom? Eu me culpava e tentava me esquecer desse sentimento, me equilibrando entre tentar ser uma boa professora diariamente e uma fissura que se abria para a possibilidade de exonerar.

Nesse período, por intermédio de Sheila, “conheci” Juliana, professora de História, moradora da cidade de Barbacena. Juliana sonhando com o Mestrado, chegou até mim para que eu pudesse ajudá-la com dicas para o processo seletivo de Mestrado. Nossa primeira conversa se deu por mensagens no final de 2018 no Whatsapp e nosso primeiro encontro foi somente em

dezembro de 2019. Daí em diante, não fui eu que a ajudei, mas foi Ju, que quase diariamente, me ajudava (e ainda me ajuda) em nossas conversas digitadas no aplicativo ou por mensagens de áudios sobre família e até futilidade, mas, principalmente, sobre Educação. Com ela, eu me sentia (e ainda me sinto) acolhida para dizer das “dores e das delícias” de ser professora.

No ano seguinte, já em 2020, nossa instituição não ofereceu mais vagas para crianças de 2 anos, pois percebemos não termos um espaço e materiais adequados para atender as crianças bem pequenas. Então, assumi uma turma de 3 anos, e fiz muitos investimentos para o início do ano letivo para compor a sala de referência da turma. Tive também muitas dificuldades nas primeiras semanas e, quando estava começando a me adaptar a essa nova turma, tivemos o isolamento social por causa da pandemia. Muitos desafios. Muitos medos. Muitas inseguranças... Nesse período, propúnhamos atividades para as crianças via WhatsApp e uma vez por mês fazíamos um encontro virtual rápido. No segundo semestre desse fatídico ano, nosso grupo de professoras se envolveu em ofertar um curso de extensão sobre a Educação Infantil para estudantes da Pedagogia, sendo uma das atividades mais prazerosas desse momento.

Já em 2021, ainda em trabalho remoto por causa da pandemia, também com uma turma de 3 anos, passamos a elaborar kits pedagógicos para entregar mensalmente para as famílias e os encontros virtuais aconteciam uma vez por semana. Durante o isolamento, como professora EBTT da UFLA, Polli foi meu respiro, sempre me incentivando, compartilhando experiências e trabalhando ao meu lado, mesmo que separadas por uma tela e pela distância física. Trabalhamos intensamente, como se não houvesse amanhã, e aprendemos muito uma com a outra sobre a docência na Educação Infantil, sobre o amor, o afeto, as ciências e a pulsão de vida em tempos de negacionismo. Com a ampliação da vacinação contra o coronavírus, retornamos as aulas presenciais com as crianças no final de setembro, com um regime de revezamento. No entanto, em minha turma, não acontecia esse revezamento, poucas crianças retornaram, pois a maioria das famílias optou por manter as crianças em casa. Havia decidido que não iria mascarar mais as faltas de nossa instituição, não iria arcar financeiramente com materiais para o trabalho. No entanto, esse retorno presencial foi muito prejudicial para minha saúde mental, as demais atividades da UFLA ainda não haviam retornado, eu estava muito abalada com a pandemia, com medo, com pavor do mundo e queria viver só enclausurada, escapando da morte, ou seria da vida!? Eu me vestia como se estivesse entrando em ambiente

totalmente contaminado (máscara, face shield, touca no cabelo, jaleco e vivia carregando um borrifador de álcool), tinha medo de interagir com as crianças, de tocá-las, não retirava a máscara para nada, nem para beber água. Quem cuida de quem cuida? Quem acolhe quem precisa acolher? E aqui se intensificou a não floração, a minha insatisfação com o trabalho docente.

As cores da docência se apagavam... indo de encontro ao que Freire (2016) propõe como uma virtude fundamental da prática educativa democrática: a alegria de viver que prepara para estimular e lutar pela alegria na escola.

Já em 2022, com outra turma de 3 anos, mantendo ainda a máscara, depois de me contaminar com o vírus da covid-19, mas com alguns medos amenizados, segui com o ano letivo entre altos e baixos. Nessa turma tinha um menino com autismo. E diante do desafio e em busca de tentar compreendê-lo melhor, de tornar meu trabalho efetivo com ele, conversei com a mãe e me propus a conversar com os profissionais que o atendiam fora da escola. Diante disso, a mãe agendou um encontro entre mim e mais duas profissionais que acompanhavam o menino. Eu fui à clínica em que elas trabalhavam para que pudéssemos conversar e, assim, tentar compreender como eu deveria agir com a criança. Foi um momento importante para o menino e sua família, como relatado pela própria mãe, mas, principalmente para minha (re)construção enquanto professora, já que minha docência estava despetalando. Apesar de tudo, eu ainda acreditava que ensinar exige comprometimento (Freire, 2002). Por isso e por outros motivos pessoais, reconheci que precisava de terapia, mas só iniciei em outubro. Sentia-me exausta com o trabalho, com a universidade que não compreendia nossa especificidade de fato. Trabalhei intensamente durante esse ano, não respeitava nem os fins de semana, nem as férias... Assumi muitas demandas para além do ensino na Educação Infantil, coloquei em ação meu projeto de extensão “Filosofar Infâncias”, assumi orientação de TCC e a gestão compartilhada da coordenação de um curso de especialização, além de iniciar um curso de espanhol, em agosto, com outras duas colegas. E me via em mundo só do trabalho para e pelo trabalho. Quanto mais sentia-me infeliz com o meu trabalho, mais eu trabalhava. Acredito que para mascarar o que eu estava sentindo.

Então, em 2023 assumi uma turma de crianças de 5 anos e percebi quão difícil é ser professora de crianças bem pequenas, de 2 e 3 anos. Ficamos atentas o tempo todo, o cuidado quase se sobrepõe ao educar, eu ficava cansada integralmente. Nessa turma, havia um menino

com baixa visão, e antes mesmo das aulas iniciarem, eu participei de um minicurso sobre a deficiência visual para tentar fazer o melhor possível em minha prática docente. Apesar de já ter tido uma experiência com essa faixa etária quando era professora na escola de Bichinho, experimentei uma nova “professora” em minha trajetória profissional. As crianças são mais autônomas, eu ficava cansada, mas não tanto como quando estava com as crianças de 2 ou 3 anos. Falei com uma colega: “Grupo 5 é vida!”. Mas continuava percebendo as faltas: Faltava estrutura adequada, faltava materiais, faltava apoio, faltava valorização, faltava acolhimento... faltavam as flores...

Então, o desejo de deixar a carreira EBTT estava latente e comecei a dizer alguns não para alguns convites de trabalho. Talvez tudo tenha ficado mais intenso depois que começamos a bater ponto em relógio eletrônico. Isso me desmotivou muito, porque o trabalho do professor não se resume em atividades dentro daquele horário específico comprovado por um relógio de ponto, quanto trabalho é feito para além do ambiente escolar. Passei um longo mês, refletindo se buscaria uma outra área de formação, quiçá um outro concurso, em uma área diferente (talvez para o tribunal eleitoral!?). Entretanto, cheguei à seguinte conclusão: eu gosto da Educação, eu gosto de ensinar, eu gosto de observar, pesquisar as crianças e suas infâncias, gosto de fazer leituras da área educacional, mas não estava feliz sendo professora com as condições do momento. O que me mantinha (mantém) na carreira, era o salário, que em relação ao que já vivenciei sendo professora municipal, estava bem confortável. Eu só não exonerei pelo valor do salário da carreira EBTT. E isso é muito triste e difícil de se admitir! O que fazer, então?

Deixei reflorescer o desejo de fazer um Doutorado...

Entre trabalhos burocráticos, trabalhos de criação, entre a fadiga e a desmotivação, tentava encontrar um pouco de prazer. E se não fosse isso, talvez eu não teria escolhido me (re)construir como professora. Fui tentando me segurar nas tarefas que me davam prazer: planejar as aulas; criar material didático; orientar TCC; organizar e participar do grupo de estudos do projeto de extensão que eu coordenava; fazer as aulas de espanhol.

Assim, meu interesse pelo tema de formação e trabalho docente começou a ficar latente, principalmente por ter orientado, entre 2022 e 2023, uma estudante em seu TCC de Pedagogia sobre as possibilidades de atuação prática na formação inicial. Ademais, minha trajetória profissional tem despertado o interesse na análise das dimensões do trabalho dos docentes EBTT. Isso me levou a construir um projeto de pesquisa sobre o trabalho docente EBTT em

uma Universidade Federal. Com esse objetivo, em meados de 2023, participei de uma seleção e cheguei até a última fase, sendo reprovada, o que me deixou muito abalada. Durante esse processo, minhas colegas do curso de espanhol largaram as aulas e eu continuei com a intenção de não só aprender uma língua nova, mas vislumbrando o Doutorado. Com essa perspectiva, persegui o desejo pelo Doutorado e no início de 2024 me inscrevi para a seleção no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFJF, indicando a professora Andreia Rezende Garcia-Reis como orientadora.

Assim, em 2024, assumi novamente uma turma de 5 anos. Essa experiência foi muito intensa e exaustiva. Minhas questões em relação à pandemia melhoraram. E este foi primeiro ano, desde então, em que eu não usei máscara, só em ocasiões que percebia um resfriado ou algo parecido. Busquei trabalhar “menos”, dizendo mais “nãos” e só assumindo aquilo que eu não poderia negar dadas as funções inerentes da minha carreira, e a cuidar mais de minha saúde física e mental. Todavia, não finalizei o ano letivo, dada a licença de 2 anos concedida em final de agosto para o Doutorado na UFJF.

E, agora, no Doutorado, a professora Andreia, que antes mesmo do início oficial do curso, já me ensinou o sentido de acolhimento revestido de amorosidade, compromisso e humanidade ao me convidar a participar de seu grupo de pesquisa Interação, Sociedade e Educação (GISE). Quanta gratidão! Quanta coragem! “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem” (Freire, 2013, p. 127). A professora Andreia costuma dizer que eu fui corajosa em escolhê-la para orientadora sem mesmo a conhecer, mas ela é quem foi a corajosa... E isso me faz lembrar das tirinhas “Nina e o passarinho”, as quais me ajudaram muito no processo de refletir sobre minha vida e meu trabalho docente, que sigo nas redes sociais, desenvolvidas por Daniele Santos Barbosa, em especial, a que se segue:



Fonte: Daniele Santos Barbosa. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jwxA>

Essa coragem implica não ter medo, mas assumi-lo, enfrentá-lo e controlá-lo. “E é no exercício de seu controle que minha coragem necessária vai sendo partejada” (Freire, 2016, p. 126). Com essa coragem, enfrentei os desgostos e os agostos, então agora, provisoriamente, sigo “só” estudando, o que tem sido um fortificante, um revitalizante para o meu (re)florescer docente.

Estou caminhando para meu terceiro semestre no Doutorado e as discussões que as disciplinas, as orientações da professora Andreia e as reuniões do GISE me proporcionam ampliam minha visão educativa e reforçam minha escolha pela profissão docente.

Nesse sentido, a disciplina “Narrativas na formação de professores e na pesquisa em Educação”, que se encerra com a escrita deste memorial, foi muito prazerosa e a(e)fetiva. Ao relembrar toda minha trajetória formativa, me instiga a pensar como que todas essas experiências, todo meu processo de formação foi me incentivando a (re)construir e (re)florescer o meu ser docente. Esse movimento contribui para minha formação, porque ao relembrar, refletir e escrever sobre a minha docência, eu me coloco a firmar minha posição como professora e afirmar a minha profissão (Nóvoa, 2017). É nessa contextura de tentar (a)firmar o meu ser professora, tentando compreender as dimensões do trabalho docente que chego aqui. Essa oportunidade se faz como tempo para (re)florescer e continuar minha história como professora.

[...] a narrativa permite, a partir da reflexão que a envolve, construir o conhecimento sobre a docência em uma visão mais ampla, mais profunda, pois nela está o sentimento, a significação, o sentido das histórias trazido por meio da voz, das narrativas de seus protagonistas, os professores (Oliveira, 2011, p. 300).

Sendo assim, refletindo para este memorial, comprehendo que nesses anos de professora, tive muitas alegrias, incertezas e muitos desafios. Compartilhei sentimentos com colegas que vivem e sentem o mesmo que eu. E hoje, percebo que ser professora, em especial da Educação Infantil, não é fácil, mas que apesar de tudo, tento fazer o melhor possível. Com essa perspectiva, decidi continuar a me (re)fazer como docente em uma travessia contínua, um caminho de descobertas e reinvenções. E assim, em pleno mês de agosto, sigo me (trans)formando sabendo que as flores da docência podem se derramar e até irem embora, mas que as cores destas flores ficarão guardadas, à espera corajosa de um novo florescer...

REFERÊNCIAS

- AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel. (Org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 37-53.
- BOLZAN, Doris Pires Vargas. A pesquisa narrativa sociocultural: um desenho possível para pensar a formação de professores. In: _____. (Org.). **Pesquisa narrativa sociocultural**: estudos sobre a formação docente. Curitiba: Appris, 2019. p. 19-42.
- BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- BRONCKART, Jean-Paul. Posfácio. Ensinar: um “métier” que, enfim, sai da sombra. In: MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; ABREU-TARDELLI, Lília Santos (Orgs.). **Linguagem e Educação**: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. p. 161-174.
- FLORES, José Ignacio Rivas. Narração, conhecimento e realidade: uma mudança de argumento na pesquisa narrativa. In: Melo, Alessandro; Flores, José Ignacio Rivas. **Pesquisa narrativa**: teoria, prática e transformação educativa. Curitiba: Appris, 2022. p. 19-42.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 5^a ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 15^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Paz e Terra: São Paulo, 2016.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p.1106-1133, out/dez, 2017.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago., 2011.

REIS, Pedro Rocha dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em Educação. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan/dez, 2008.

SANTOS BARBOSA, Daniela [@danielesantosbarbosa]. **Perfil profissional Instagram**. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/danielesantosbarbosa?igsh=MWlsYzI5c2g2OTg4eg==>. Acesso em: 18 ago. 2025.

HISTÓRICO

Submetido: 10 de dezembro de 2025.

Aprovado: 15 de dezembro de 2025.

Publicado: 31 de dezembro de 2025.